

Sumário

1. Credibilidade, competência e confiança	7
<i>A necessidade de usar a Bíblia hebraica</i>	
2. Encontrando ajuda nos lugares certos	15
<i>Ferramentas e ferramentas eletrônicas</i>	
3. A mais fundamental de todas as perguntas	23
<i>Qual é o texto?</i>	
4. Quem estava certo: Alice ou Humpty Dumpty?	37
<i>Como as palavras funcionam</i>	
5. De volta ao feijão com arroz.....	69
<i>Noções de sintaxe hebraica</i>	
6. Indo além da frase.....	147
<i>A estrutura básica da poesia e da narrativa hebraica</i>	
7. Explorando abaixo da superfície	183
<i>Narrativa e poesia como literatura</i>	
8. Juntando as peças do quebra-cabeça	229
<i>Um método exegético esboçado e ilustrado</i>	
9. Como tornar a mensagem atual.....	271
<i>Atravessando a ponte entre a exegese e a exposição</i>	
10. Por que não tentar?.....	341
<i>Alguns exercícios para treinamento</i>	
<i>Índice remissivo</i>	<i>359</i>
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	<i>365</i>

1 Credibilidade, competência e confiança

A necessidade de usar a Bíblia hebraica

Mencione o tema da língua hebraica a um grupo de pastores formados em seminário e você obterá as mais variadas reações, sendo a maioria negativas. Muitos lhe dirão sem rodeios: “O hebraico foi uma perda de tempo e de dinheiro para mim. Nunca o utilizo no ministério. Os seminários poupariam seus alunos de muita aflição e frustração se tornassem essa matéria opcional”. Mesmo reconhecendo o valor do hebraico, alguns logo acrescentarão: “O hebraico é excelente para os que têm o dom de aprender línguas, mas é um luxo, não algo essencial. Creio que é fantástico ser capaz de trabalhar com essa língua, mas você pode realizar sua tarefa muito bem sem ela”. Outros vão parecer mais consternados: “Gostaria de poder utilizar o hebraico porque não há nenhum substituto para o estudo do texto original, mas a verdade é que ninguém me mostrou como usá-lo na preparação de sermões. Além disso, não tenho tempo para estudar com profundidade durante o preparo de minhas mensagens”.

É claro que testemunhos como esses geram uma grande medida de ceticismo quanto ao valor do estudo do hebraico. Conforme caminham pelo labirinto de paradigmas hebraicos, seminaristas que cursam o primeiro ano da matéria ouvem opiniões semelhantes e começam a questionar se o que estão aprendendo é digno de tanto sangue, suor e lágrimas. Administradores e docentes de faculdades, quando recebem esse tipo de *feedback* em questionários e pesquisas feitas com os alunos, avaliam se deveriam mesmo continuar a exigir dos candidatos ao ministério o estudo do hebraico. Alguns alunos desistem da matéria, enquanto outros optam por um curso de “Hebraico Elementar” que exige somente uma carga mínima de estudo linguístico e enfatiza ingenuamente o uso de “ferramentas”, como se elas pudessem de algum modo misterioso transformar uma pessoa em um intérprete competente.

Será que o estudo do hebraico é um luxo ou algo essencial para um pastor ocupado? É razoável esperar que o pastor trabalhe no texto hebraico ao preparar sermões? Em minha opinião, um conhecimento prático de hebraico é essencial, não opcional, para os que desejam pregar e ensinar textos do Antigo Testamento. Você pode pensar que não estou sendo realista, mas creio que, se alguém compreende os aspectos essenciais da língua, desenvolve habilidades exegéticas e aprende a transformar essa pesquisa exegética em uma exposição teológica fiel, não há razão alguma pela qual até mesmo o pastor mais ocupado não possa pregar sermões precisos, instrutivos e até vibrantes, que estejam firmemente fundamentados no texto hebraico e que não demandem uma quantidade excessiva de tempo na preparação. Quanto mais os pastores pregarem esse tipo de mensagem, mais seus púlpitos serão revitalizados, as pessoas desenvolverão um entusiasmo renovado pelo Antigo Testamento à medida que o ouvirem “retornando à vida” no púlpito e a igreja estará mais profundamente consolidada em sua compreensão de Deus e de seus propósitos.

Sem dúvida, o trabalho dos pastores não é somente pregar sermões; eles também dão aulas na escola dominical, dirigem estudos bíblicos e seminários, aconselham membros da igreja, respondem a várias perguntas hermenêuticas e práticas, aperfeiçoam sua teologia e, espera-se, desenvolvem sua vida espiritual. O estudo no texto original também impactará todas essas áreas, pois ele proverá exatidão exegética e profundidade teológica, o que por sua vez dará maior consistência às várias áreas do ministério, além de estimular o crescimento espiritual.

Por que os pastores geralmente não usam seu conhecimento de hebraico

Por que os pastores frequentemente deixam de “utilizar” o hebraico que aprenderam? Em alguns casos, os motivos são filosóficos. Apesar da clara recomendação que o apóstolo Paulo faz do Antigo Testamento (2Tm 3.16), alguns insistem em desprezá-lo, considerando-o teologicamente obsoleto ou inferior. Outros concluem que a pregação expositiva, baseada em textos, é irrelevante ou incapaz de conduzir a igreja ao crescimento e preferem moralizar o texto ou tratá-lo como algo sem importância, em busca da chamada aplicação e relevância atual. Para os defensores dessa teoria da pregação, examinar o texto original é perda de tempo. Infelizmente essa abordagem, que reflete a tendência popular em direção à interpretação centrada no leitor, substitui a exegese pela eisegese e não tem autoridade bíblica.

A maioria dos pastores que estudou em seminários evangélicos provavelmente rejeitaria a posição filosófica que acabamos de descrever. Eles reconhecem, ao menos verbalmente, a relevância do Antigo Testamento e estão convencidos de que a pregação expositiva é ainda o método preferível. Entretanto, muitos não usam de maneira significativa o que aprenderam de hebraico. Por que isso ocorre? Sejamos honestos: alguns nunca aprenderam essa língua bem o suficiente para descobrir sua utilidade no estudo. Sobrecarregados com um monte de responsabilidades externas enquanto estavam no seminário e obrigados a ser alunos de tempo parcial, passaram nos cursos obrigatórios de hebraico por um triz, respiraram aliviados quando a provação acabou e agora estão contentes por contar com alguns comentários quando preparam sermões baseados no Antigo Testamento.

No entanto, muitos foram muito bem no estudo do hebraico, tinham boas intenções de mantê-lo, mas acabaram deixando-o de lado. Isso ocorre em parte devido às incessantes e urgentes demandas do ministério, mas geralmente essa não é a razão principal pela qual os pastores “perdem” suas habilidades no hebraico. Em muitos casos, o motivo principal é a visão limitada de professores da matéria, combinada com as deficiências do currículo comum dos seminários.

Professores de hebraico idealistas às vezes esquecem por que seus alunos estão estudando essa língua e não conseguem integrar o que ensinam com os objetivos ministeriais deles. O professor exige que o aluno domine de forma mecânica a morfologia e o vocabulário básico da língua no primeiro ano e, depois, se concentra na “tradução” do texto hebraico durante o segundo ano. O que se considera tradução, contudo, frequentemente é só uma desajeitada e limitada tradução palavra por palavra, gerando um texto estilisticamente desagradável que reflete poucas decisões interpretativas reais. Somente as habilidades exegéticas mais básicas são desenvolvidas, e raramente se demonstra ao aluno (se é que isso ocorre) como a exegese pode impactar a interpretação, quanto mais a preparação do sermão.

Muitos alunos saem desse processo esgotados, mas ainda ansiando e esperando uma recompensa pelo esforço. Então, repentinamente, tomam consciência de algo desagradável. Desejam usar o hebraico em seu estudo do Antigo Testamento, mas logo percebem que seu professor nunca lhes mostrou realmente como fazer isso. São capazes de analisar a morfologia dos verbos e de “traduzir” (ao menos passagens não poéticas relativamente fáceis), mas como esse tipo de análise contribui para seu ministério? Percebem que existe um grande abismo

entre o estudo da língua e a preparação de sermões e que é preciso uma ponte para unir os dois mundos. Essa ponte envolve aprender como fazer exegese e então transformar as conclusões e observações exegéticas em uma exposição teológica relevante do texto, que é a base principal de uma pregação ou aula realmente bíblica e baseada no texto. Mas, em geral, ninguém construiu essa ponte para o aluno. Talvez o professor de hebraico pensasse que o professor de homilética a construiria, mas este talvez nunca tenha aprendido como ele próprio poderia usar o hebraico e, além disso, já estava muito ocupado em ensinar os futuros pregadores a maneira de organizar seu material, de gesticular corretamente, de escolher boas ilustrações e de eliminar vícios desagradáveis de comunicação. Os seminários não têm motivado seus professores a trabalhar de modo mais integrado e/ou não têm dado espaço no currículo para que os professores desenvolvam pontes exegéticas que liguem o estudo das línguas à pregação.

Se o que acabamos de descrever é a sua experiência, então este livro é para você. Anime-se, não é tarde demais para renovar sua fé na relevância do hebraico, recuperar o conhecimento dos aspectos essenciais da língua e, o que é mais importante, aprender como usar sua Bíblia hebraica efetiva e produtivamente na preparação de sermões, em outras áreas do ministério e no estudo pessoal.

Talvez você seja um seminarista que acabou de finalizar o curso introdutório de gramática hebraica. Você tem se esforçado bastante e está pensando: “Qual é o próximo passo? Ainda não sei como o aprendizado dessa língua contribuirá para minha formação bíblica e meu ministério”. Bem, este livro é para você também. Na verdade, ele foi planejado para servir de livro-texto para o segundo ano do curso de hebraico em seminários. Creio que, se você estudar os princípios expostos nas páginas seguintes e desenvolver suas habilidades exegéticas por meio da prática, descobrirá que o estudo da Bíblia hebraica pode ser tanto proveitoso quanto agradável. Neste exato momento, você está no meio da jornada. O caminho pode parecer escuro, mas há uma luz no fim do túnel. Esperamos que este livro o guie na direção dela. Quando alcançá-la, acredito que descobrirá um mundo enorme, vasto e vibrante em que a palavra de Deus se tornará viva para você como nunca havia sido.

Por que você precisa nadar contra a corrente

É fácil “deixar-se levar”, aceitando a ideia de que o hebraico é um luxo, não algo essencial, e apoiar-se na opinião dos outros ao pregar e ensinar o Antigo Testamento. Entretanto, desafio você a reavaliar a tendência atual. Afinal de contas,

nós que pregamos e ensinamos a Bíblia temos uma imensa responsabilidade (Tg 3.1). O povo de Deus confia em nós na busca por discernimento e direção, geralmente supondo que nossa formação e experiência nos conferem credibilidade e competência para a tarefa que desempenhamos. Porém, se de fato não temos essa credibilidade e competência, não estamos vivendo uma mentira? Sem credibilidade e competência, será que temos o direito de nos colocar diante do povo de Deus e proclamar sua palavra com autoridade? Em nossa sociedade, estabelecemos altos padrões para as atividades que envolvem o bem-estar físico das pessoas (médicos, farmacêuticos, pilotos de avião etc.). Será que não deveríamos estabelecer padrões ainda mais elevados para os que são responsáveis pelo bem-estar espiritual do povo de Deus? Não existe nenhum conselho, tribunal ou comissão federal que examine e aprove professores da Bíblia; nós temos de estabelecer nossos próprios padrões e, então, dando o máximo de nossa capacidade e com a ajuda de Deus, esforçarmo-nos para alcançá-los.

Ninguém pode pregar com credibilidade e competência o Antigo Testamento sem um conhecimento prático do hebraico e sem habilidades exegéticas básicas. Com certeza, há muitas traduções, ferramentas para o estudo de línguas e comentários disponíveis para o futuro pregador. O aparecimento de novos e atuais instrumentos de pesquisa, especialmente os recursos da informática, é animador, pois algumas dessas ferramentas, nas mãos certas, têm o potencial de revolucionar nosso estudo do texto. Contudo, elas não substituem o estudo da língua nem promovem alguém ao plano da credibilidade e da competência em um passe de mágica. Para usar essas ferramentas de modo eficaz, é preciso ter um conhecimento prático do idioma bíblico e alguma capacitação básica no trabalho exegético. De outra forma, o que a pessoa faz é tentar decodificar a língua em vez de entender e apreciar suas nuances, sendo obrigada, portanto, a escolher opções interpretativas de forma arbitrária, sem uma base confiável para suas decisões. Traduções e comentários diferem entre si com frequência e, às vezes, de forma significativa na interpretação do texto. Quando não se é capaz de avaliá-los de modo criterioso, deve-se decidir com base no cara ou coroa, ou escolher o que “soa melhor” ou se harmoniza mais com certas concepções? As ferramentas são planejadas para serem usadas por profissionais competentes e trabalhadores hábeis. O uso leviano das ferramentas torna o indivíduo mais perigoso do que competente quando está interpretando o Antigo Testamento. Nas mãos da pessoa errada — alguém sem conhecimento adequado sobre como a ferramenta funciona, para que fim foi projetada e como as informações que

fornece contribuem para a interpretação —, um verdadeiro “massacre da serra elétrica” sobre o texto se torna uma possibilidade muito real!

Como este livro pode ajudá-lo a tornar-se um intérprete crível, competente e confiante do Antigo Testamento

Meu propósito estratégico é (re)acender seu interesse pelo uso da Bíblia hebraica em seu ministério de pregação e ensino. Meu alvo tático primário é mostrar como usar seu conhecimento de hebraico para produzir mensagens e aulas mais precisas e relevantes. Este livro não é em si uma revisão minuciosa da gramática hebraica. Certamente, ele inclui um breve panorama dos elementos essenciais da sintaxe hebraica, mas essa parte lida muito pouco com morfologia. De fato, se já se passou certo tempo desde que você terminou seu primeiro ano de hebraico, talvez seja útil consultar uma gramática hebraica introdutória junto com o capítulo sobre sintaxe deste livro. A presente obra focaliza, em especial, os princípios e métodos da exegese hebraica. Ao longo do caminho, pretendo:

1. apresentar as melhores ferramentas para o estudo da língua (incluindo recursos de informática);
2. oferecer diretrizes sobre como tomar decisões relacionadas à crítica textual;
3. analisar como se deve apurar o significado preciso das palavras e expressões hebraicas e evitar alguns dos erros mais comuns que são cometidos nos estudos de vocabulário;
4. apresentar um panorama da sintaxe hebraica e demonstrar como observações básicas de gramática podem influenciar a exegese;
5. examinar a estrutura da narrativa e da poesia hebraica e como ela contribui para a interpretação;
6. mostrar como a forma e as características literárias de um texto influenciam a interpretação;
7. descrever e ilustrar um método de interpretação.

Visto que “uma imagem vale mais do que mil palavras”, incluí várias ilustrações, exemplos práticos e exercícios que o guiarão ao longo do processo exegético e proporcionarão uma oportunidade de desenvolver suas habilidades. A prática da exegese é uma capacidade que se adquire, como andar de bicicleta ou jogar basquete. É algo que requer prática constante e pode parecer incômodo,

entediante e mecânico antes de se tornar sua “segunda natureza”. Contudo, quanto mais você pratica, mais competente e confiante se torna.

Depois de analisar e ilustrar o processo exegético, mostro como desenvolver uma exposição com base no trabalho exegético e incluo várias exposições como exemplos. A exegese responde à pergunta: “O que o texto significava para seu público original?”. Com essa questão respondida, fica bem mais fácil caminhar para a exposição, que lida com as perguntas: “O que o texto significa para nós? Em que deveríamos crer e/ou o que deveríamos fazer à luz do que o texto significa?”.

Um conselho a quem não é pastor

Talvez você seja alguém formado em seminário, mas não é pastor nem “filho de” pastor (adaptando uma expressão do Antigo Testamento!). Pode ser que nunca tenha pregado, nunca quis pregar ou nunca pregará um sermão. Seu ministério tem uma estrutura diferente. Talvez você trabalhe com tradução bíblica, dirija estudos bíblicos, prepare currículos de educação cristã ou tenha algum outro tipo de ministério de ensino. Sem problemas! Este livro não é só para pastores ou para futuros pastores. Ele foi elaborado como um guia para todos os que se dedicam a expor às pessoas o que a Bíblia significa e qual a relevância dela para suas vidas. Como foi observado anteriormente, tudo o que se espera é que você tenha feito um curso básico de gramática hebraica e esteja disposto a dar o próximo passo.¹

¹Ao longo da obra, o autor cita exemplos de textos hebraicos que, por não incluírem os sinais de vocalização, podem exigir que o leitor menos experiente identifique esses exemplos em obras nas quais o mesmo texto seja acompanhado dos sinais. Para o leitor que necessita desse recurso, sugerimos a seguinte obra: Luiz A. Sayão, ed., *Antigo Testamento poliglota* (São Paulo: Vida Nova, 2013).